

D. Theodósio I de Bragança, André de Resende e Frei Henrique de Santo António, na história de um percurso epigráfico

Maria Manuela Alves-Dias*

Resumo: *D. Teodósio I, 5º duque de Bragança reuniu em Vila Viçosa a primeira coleção de inscrições romanas, com destaque para as do Santuário de Endovéllico, e delas mantinha registo no chamado Livro das Muitas Coisas. A memória deste Santuário foi mantida quer pelos eruditos locais quer por conhecidos humanistas como Resende, Gruter, Pighius entre outros.*

Abstract: *Endovellicus was the first name of an indigenous god known in Lusitania. Humanists such as Resende, Gruter, Pighius and others, were curious about this name and copied the Sanctuary inscriptions. Theodosius I of Bragança collected in Vila Viçosa the stones discovered. He also kept a register in a book called Livro das Muitas Coisas.*

Palavras-Chave: *Epigrafia latina, Humanistas, André de Resende, Diogo Sigeo, Endovellicus*

Key-words: *Latin epigraphy, Humanists, André de Resende, Diogo Sigeo, Endovellicus*

Os mais antigos registos epigráficos sistemáticos de antiguidades romanas do território português de que temos notícia, foram da iniciativa de D. Teodósio I, 5º duque de Bragança. De entre os materiais que mandou recolher na região de Vila Viçosa, os do santuário de Endovéllico, foram os que maior interesse despertaram. Destes André de Resende copiou as inscrições que o Duque ao tempo mandara trazer

* Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, s/n 1600-214 Lisboa.

para Vila Viçosa e ainda uma, que o humanista diz estar no Alandroal¹. A fama do santuário do deus atraiu ao local muitos visitantes. Consta de um texto transcrito na Crónica dos Eremitas da Serra de Ossa², e atribuído a um tal Frei S. Martinho de S. Paulo³, que diz ter conduzido ao Santuário a El Rey D. Sebastião, e aos Duques de Bragança, D. João, e D. Theodosio⁴, e à Duquesa D. Catarina.

Caetano de Sousa relata⁵ como D. Teodósio I mantinha um registo de antiguidades e miscelâneas a que com propriedade chamou *Os Livros das Muitas Coisas*, neles guardava as informações que os seus enviados lhe mandavam das côrtes europeias e da Santa Sé, notícias diversas e registos de antiguidades. de que Frei Jeronymo Roman⁶ gabou o conteúdo. Esta foi a primeira colecção epigráfica portuguesa de que se tem notícia.

Esta obra, faria parte da biblioteca de D. Teodósio I, que a doou ao seu filho, o Duque de Barcelos, como consta do seu testamento: *Item deixo minha Livraria, e todos os livros, que tiver, ao Duque de Barcellos, meu filho, para que ande em Morgado, e não dará elle, nem os seus sucessores, da dita Livraria, nenhuns livros sem comprarem outros como elles que metaõ na dita Livraria*⁷.

Conhecemos alguns dos livros da Biblioteca de D. Theodósio⁸ e entre eles encontram-se livros de debuxos de arquitectura clássica, o que mostra o interesse que ele dedicava a estes assuntos, mas os *Livros das Muitas Cousas* não constam das listas temáticas que se fizeram da biblioteca do Conde⁹. Venturini na sua viagem em 1572 a Portugal¹⁰ consultou e copiou, em Lisboa, já depois da morte de D. Teodósio I (1510-1563), os livros, onde se incluíam inscrições do Santuário de Endovélico, e foi a última notícia que temos de alguém que tenha manuseado os exemplares originais.

1. Trata-se da inscrição CIL II, 134, que durante muito tempo esteve na Torre de menagem do castelo do Alandroal, onde ainda estava na época de Resende, A. RESENDE, *As Antiguidades da Lusitânia* (trad. ed. com. e notas) R.M.R. FERNANDES, Lisboa 1996, p. 205. Fora para ali levada pelos frades de Aviz em 1332, como costa de um letreiro que se achava na torre deste castelo. Para a história literária deste assunto na bibliografia portuguesa até 1880 ver J.J.R. ESPANCA, «O deus Endovellico dos Celtas (sic) do Alentejo», em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa 1882, 3ª série nº 1, pp. 253-256, e nº 5, pp. 274-296; assunto de novo retomado com bibliografia mais recente por S. LAMBRINO, «Le dieu lusitanien Endovellicus», *BEP* XV, 1951, pp. 93-147 (= separata com numeração própria Lisboa 1952).

2. H. DE S. ANTÓNIO, *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*, Lisboa 1745, p. 81.

3. Carta que diz DE S. ANTÓNIO, *Chronica...*, cit., Lisboa 1745, p. 81, foi dirigida pelo padre Martinho de S. Paulo ao Licenciado Francisco Galvão, estribeiro de D. Theodósio II. Cf. também L.A. M. GALVÃO, *Vida de Francisco Galvão*, Lisboa 1783.

4. Trata-se certamente de D. Teodósio II. de quem Galvão fora estribeiro.

5. A C. SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, (VI), Lisboa 1735-1749, p. 43.

6. Informações de SOUSA, *História...*, cit., (VI) p. 43. Tratar-se-há de Jerónimo Román de la Higuera correspondente de A. Agustín?. Cf. M. MAYER, «La fortuna dels Catalanorum prisco sermone libri de la biblioteca d'Antoni Agustín», *Faventia* 20/2, 1998, pp. 187-192.

7. SOUSA, *História...*, cit., (VI), pp. 47-48.

8. A. NASCIMENTO, «A livraria de D. Teodósio I, Duque de Bragança», em *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, Évora 1994, p. 210-220.

9. Lista fornecida por A. Nascimento a quem agradecemos.

10. Conservam-se cópias do relatório de VENTURINI na Biblioteca do Vaticano, códice *Urb.* Nº 1.607 e na Biblioteca Pública de Dresda, Saxónia (f. 128 - *apud* Hubner, *Suppl.*, p. LXXXI).

Quem teria então *de facto* presidido ao registo da colecção epigráfica que o *Livro das Muitas Coisas* comporta? O Licenciado Francisco Galvão, de que já falámos, embora possa ter acompanhado os condes e seus familiares na visita ao local, não é o mais directo candidato à proeza. André de Resende (1498-1573), o primeiro copista que conhecemos das inscrições estaria melhor posicionado para o fazer, mas tê-lo ia feito?

Na opinião de Rosado Fernandes¹¹ Resende teria completado a redacção das *Antiguidades* por volta de 1569 e começara as recolhas em 1533. Se Resende as foi actualizando até à morte de D. Teodósio I não sabemos. A cópia de Venturini, por ter sido feita depois da morte do Duque, e se foi feita na íntegra, devia conter todos os monumentos da sua colecção, admitindo que estes tinham sido todos registados nos *Livros das Muitas Cousas*.

Vila Viçosa contava, no tempo de D. Teodósio I com uma grande quantidade de humanistas, que tal como Resende se tinham instruído em Lovaina e Alcalá, e se relacionavam com os círculos cultos da época.

Quando D. Jaime procurou professores para seus filhos, chamou a Vila Viçosa Diogo Sigeo, que tinha pertencido ao círculo de Cisneros. Sigeo que vivera em Toledo¹² onde casara, estava refugiado em Braga, para onde tinha ido no séquito de Maria Pacheca quando, vencida a revolta dos Comuneros esta abandonara Toledo, por Braga; Sigeo ficou aí até 1530, vindo depois para Vila Viçosa para ser professor de D. Teodósio e demais crianças da casa¹³. Cabia-lhe a função de educar os jovens em humanidades e talvez também em música no que era exímio. O pouco que sabemos dele é contrabalançado com o que sabemos de suas filhas, Angela e especialmente Luísa, que pela sua cultura, mereceu o elogio de Resende¹⁴.

Diogo Sigeo não consta das fontes directas do *CIL*, mas na inscrição 144, proveniente dos arredores de Vila Viçosa, inscrição a Proserpina que Resende também copiara, aparece a referência «ex Sygeo», como informador de S.V. Pighius¹⁵, sabemos portanto que pelo menos havia dois antiquários interessados na epigrafia em Vila Viçosa.

O relato de Resende inclui, no que diz respeito às pedras guardadas da colecção de D. Theodósio inscrições dos santuários de Proserpina, de Endovélico, de Júpiter (Torrão), entre muitas outras.

11. RESENDE, *As Antiguidades ...*, cit., p. 6.

12. Num livro de Francisco de Pisa, recentemente publicado com anotações, dá-se conta de outro humanista com o mesmo nome, Jacob Sygeo, francês, que pela mesma época ensinava em Toledo, desconhecemos se existiam relações de parentesco entre os dois humanistas. Cf. F. PISA (ed.com. e notas J. GÓMEZ-MENOR) *Apuntamientos para la II parte de la descripción de la imperial ciudad de Toledo*, I.P.I.E.T. Toledo 1976, p. 12.

13. L. MATOS, *A corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa 1956, p.17 e 37, ver também nota na p. 296, listas dos alunos de Sigeo feitas por ele próprio, em W. STORCK, C.M. VASCONCELOS, *Vida e obra de Luís de Camões*, Lisboa 1897.

14. C.M. VASCONCELOS, *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, pref. A.C. RAMALHO, Lisboa 1983, p. 90.

15. *Apud* Hübner *CIL* II, 144, Cod. Pigh. Berol. f. 46 musei f. XXVII.

No que se refere ao culto de Endovélico, e depois de copiar as oito inscrições¹⁶ que, em data não registada, D. Teodósio I tinha trazido «do antigo templo que existe junto ao antigo castelo de Terena para inserir no frontespício do convento dos frades da ordem de St.º Agostinho» sente a necessidade de esclarecer a este respeito o leitor dizendo¹⁷:

«A causa ou origem do nome Endovélico, ignoro-a completamente. A não ser que o nome lhe tenha sido dado por causa de uma povoação próxima que acaso se chamasse Endovélia. Se na época nebulosa do infeliz paganismo os Lusitanos foram dados a superstições, pelo menos ao brilhar a luz evangélica não demoraram muito tempo que não abraçassem o culto e a religião do verdadeiro Deus.

Os Eborenses glorificam-se de Mâncio, discípulo de Cristo que os iniciou na doutrina celeste. Os Bracarenses devem-no a Pedro de Rates, discípulo do apóstolo Tiago. A religião propagou-se em pouco tempo e, mesmo sem assentimento dos déspotas, cresceu com admirável piedade. A Nação portuguesa conservou-a até à nossa época incorrupta, tal como a recebeu dos santos padres. Além disso, facto que não sem grande dom de Deus nos acontece e que não sem grande prazer refiro, mantém a religião incólume e com a autoridade da sacrossanta cadeira apostólica intacta. E não apenas isto como ainda não deixa de propagar o próprio nome do Salvador longamente e largamente pelos recantos do vasto Oceano, por lugares nunca antes conhecidos dos predecessores, por todo o oriente e antípodas.»

Resende não refere se conhecia o local do santuário, que pelo que dele nos resta devia ser imponente, ou se só vira as 8 pedras (que transcreve) trazidas, em data desconhecida, a mando de D. Teodósio I. O que é facto é que tem a necessidade de desculpar os Lusitanos de então, contrapondo as superstições destes às virtudes religiosas dos Lusitanos de agora, e fazendo entroncar a sua fé cristã nos discípulos directos dos apóstolos. No entanto, nunca recorreu a semelhante comentário ao referir-se a santuários de deuses reconhecidamente romanos, tais como Proserpina ou Jupiter¹⁸. O humanista fica embaraçado com a presença de um deus não romano em território de Lusitanos, e acaba por atribuir a culpa das superstições à *época nublada do infeliz paganismo*. Já no que diz respeito aos templos de deuses reconhecidamente romanos, limita-se a transcrever as lápides que atestam a sua existência, sem grandes comentários, quanto às características de culto prestado. É o carácter não romano do nome do deus que lhe sugere o qualificativo de superstição. O livro de Resende é uma publicação póstuma, de que se encarregou Diogo Mendes de Vasconcelos e que só apareceu a público em 1593, embora Resende o tivesse deixado quase acabado.

16. CIL II, 131, CIL II, 127, CIL II, 135, CIL II, 136, CIL II, 129, CIL II, 139, CIL II, 132.

17. RESENDE, *As Antiguidades...*, cit., p. 205.

18. Nas Antiguidades da Lusitânia, referindo-se ao território de Vila-Viçosa, e seus arrabaldes, Resende dá-nos conta de vários locais onde supõe terem existido templos dedicados aos deuses romanos como os de Proserpina cujas inscrições à data estavam nos arredores da cidade, onde actualmente se encontra a Igreja de Santiago, e de Júpiter, junto ao Torrão.

Entretanto, em 1597, apareceu o primeiro volume da *Monarchia Lusitana*, que transcreve umas quantas inscrições também referidas por Resende, mas se empenha sobretudo no esclarecimento da história deste culto, sobre o qual conta um narrativa fabulosa, que é inclusivamente retomada em 1745, com pequenas adaptações por Frei Henrique de Santo António, na *Chrónica dos Eremitas da Serra de Ossa*. Segundo ele, sabemos «que à vista do templo de Venus estava em hum serro alto fundado o templo de Cupido taõ visitado, e venerado dos antigos Lusitanos, com o nome de Endovellico, que hoje se lê em algumas pedras daquelle tempo; e consta, que este templo de Cupido, que fundou Maarbal pelos annos de 340. antes da vinda de Christo, esteve no outeiro da Villa de Terena, que fica Junto da Serra de Ossa, e á vista da Serra de S. Gens. O Idolo era de prata, tinha os olhos cerrados, hum coração na boca, e azas nos pés. [.....] ofereciaõ-lhe muitas offertas, e ricos dons, arco, aljava, e frechas de puro ouro, que lhe deo Amilcar Barcino quando veyo de Carthago; que permaneceraõ penduradas do Idolo até que entrando Julio Cezar em Hespanha, e vindo a conquistar estas partes, roubaraõ seus soldados quantas riquezas tinha este templo, e o de Venus.

»Fizeraõ entaõ segundo Idolo de Cupido de fino marmore; porque derribando os Christaõs depois da Ley da Graça o templo, tomaraõ o Idolo, e por ser obra excellente o meteraõ na parede da Igreja, que ahi erigiraõ e dedicaraõ a S. Miguel, na qual abrindo-se há poucos annos huma porta, que sahe para a casa do Ermitaõ, acharaõ o Idolo metido na parede, que os rapazes quebraraõ, e fizeraõ em pedaços, do qual eu ainda ahi vi hum pedaço, que era da perna, e joelho do Idolo e outras muitas pedras tambem de fino marmore e escritas humas com letras Gregas, e Hebraicas, e outras Latinas, as quaes o Duque D. Theodozio mandou levar para Villa-Viçosa, e pôr no portico de Santo Agostinho aonde se podem vêr [...]»¹⁹.

Sobre o Ídolo de pedra, que estava na parede da Igreja de S. Miguel, nada há a acrescentar, pode muito bem tratar-se de uma das muitas figuras masculinas que representam o deus. Quanto ao ídolo de prata, com asas nos pés e um coração na boca o caso já é diferente. Ídolo de metal precioso também o temos na tradição bíblica; a riqueza dos metais preciosos ajuda a acentuar a transgressão religiosa. Só que aqui o Ídolo era de prata, o que pode ser explicado facilmente se nos lembrarmos da inscrição hoje perdida, que Resende não registou mas aparece em 1602 na compilação de Grutero²⁰ e que Rocha Espanca²¹ supõe ter sido trazida posteriormente [às recolhas de D. Theodósio] pelos monges Agostinhos para o alpendre do Convento em Vila Viçosa, e que *CIL* II 128 diz ter estado no pórtico da Igreja de Santa Maria da Graça em Vila-Viçosa. O texto da inscrição é o seguinte:

Endovellico / Sacrum / Antonia L(ucii) [f(ilia)] / Manliola / e(x) v(oto) / signum argenteum [d(ono) d(edit)]

19. DE S. ANTÓNIO, *Chronica*, cit., Lisboa 1745, p. 82.

20. I. GRUTERUS, *Inscriptiones Antiquae totius orbis romani in corpus absolutissimum redacta cum indicibus*, Heidelberg 1602, p. 88.

21. ESPANCA, «O deus Endovellico...», cit., p. 278.

Quanto às asas é possível que as esculturas das faces laterais da ara a Endovélico [CIL II, 5207] de dois génios alados, *Phosphorus*, tenham sido interpretadas como a representação de Cupidos.

O relato da destruição do santuário do primeiro Ídolo (o de prata) por J. César e da reconstrução, no mesmo lugar de um novo santuário em mármore aponta para o reconhecimento, aos olhos dos frades, de que os restos de esculturas testemunhavam um culto de tipo romano e que do culto dos antigos lusitanos só o nome do deus permaneceria. A lenda inspirar-se-ia assim em elementos dos próprios textos epigráficos, decorações das lápides, ou gravuras fantasiadas, e constituía uma tentativa de explicação dos restos das antiguidades que todos podiam ver e que por isso se tornava credível. E com isto, os frades afastavam a polémica sobre as origens e nome do Deus, que como se disse causara surpresa a Resende, e que fez correr tanta tinta entre os eruditos dos séculos XVI e XVII²².

22. Cf. Thomas REINESIUS, *De deo Endovellico, cujus memoria nullibi veterum monumentorum, praeterea quam in Inscriptionibus antiquis, in Villa Vizosa Lusitaniae repertis, & post Resendum a Cl. Grutero editis, extat, commentatio parergica*, Altenburg 1637.